

ALEX ASTER

BARBIE DREAMSCAPE



SECRET
SOCIETY

AVISOS DE CONTEÚDO

Cor-de-rosa em excesso
(ou maybe na medida certa)





CAPÍTULO 1

PERFEITO

A minha vida é um sonho.

A *Misty* e a *Bonbon* — pássaros encantados com nomes inspirados nos meus tons favoritos de cor-de-rosa, e que ajudam a preparar-me — acordam-me todas as manhãs com uma chávena de chá quente. Afastam o edredão tingido pelo pôr do sol, tecido de nuvens (sim, nuvens de verdade), ajudam-me a levantar a cabeça da almofada (também uma nuvem, banhada pelo nascer do sol) e, em seguida, levam-me pelas alças da camisa de noite até à casa de banho para me arranjar, onde a banheira começa a encher, com bolhas semelhantes a pérolas a espumar e a efervescer.

Arranjam-me o cabelo, depois um guarda-roupa encantado ajuda a vestir-me, tenho um dia perfeito na escola com os meus amigos perfeitos e todos nos divertimos, indo a seguir para a cama e repetindo tudo outra vez.

Tudo acontece exatamente como planeado.

A justiça prevalece sempre.

O trabalho árduo é *sempre* recompensado.

A vida assim não é simplesmente *fantástica*?

É tudo tão bom que até os meus *sonhos* são apenas reflexos destes dias normais: comer sundaes que nunca acabam na



geladaria da cantina; andar de barco pelos canais cor-de-rosa da Terra do Coração para ver os fogos de artifício noturnos; levantar a mão na aula e acertar sempre na resposta; tirar a nota máxima num teste e adicioná-lo à minha parede intitulada «És a Melhor!».

Tudo coisas que estou sempre a fazer.

Mas o sonho que tenho esta manhã... não se parece nada com a minha vida.

É um bocadinho... sombrio?

Passa-se no Dia dos Destinos, o mais importante da minha vida, o auge de tudo pelo qual trabalhei tão arduamente, o ponto alto dos meus anos na Academia Swancrest, quando a minha futura profissão — e futura felicidade — me é atribuída pelas omniscientes e onnipotentes Parcas...

É um momento com o qual *sonho* frequentemente. Ali de pé, diante de toda a Terra do Coração, a receber um Destino que ninguém jamais recebeu. Quem sabe até ser a primeira a receber vários.

Mas, neste sonho... acontece algo terrível.

Estou sempre a receber Destinos que *odeio*.

Num círculo vicioso. Uma e outra e outra vez.

Aliás, é mais um pesadelo.

Primeiro, as Parcas atribuem-me o papel de Apicultora, apesar de eu ser mortalmente alérgica a abelhas.

A seguir, sou eleita *Guarda-Livros*, o que até parece divertido, mas descobri há pouco que não se trata apenas de conservar um monte de livros. Pelo menos, não daqueles que gostaria de ler nos meus tempos livres.

Depois, atribuem-me o papel de Médica, apesar de eu ser o tipo de pessoa que desmaia quando vê sangue.

Ao que tudo indica, o meu subconsciente é muito criativo, de uma forma um tanto torturante. Em cada um destes cenários,



é-me apresentado um futuro que equivale a enfiar os pés num sapato sem salto alto e que, simplesmente...

Não me *serve*.

E é assim que sei que este sonho não é real.

Na vida real, as coisas acabam *sempre* por se resolver. Especialmente, para mim. Este deve ser falso.

Com isso, acordo num sobressalto.

Abro os olhos... e tudo está como devia.

— Mas que estranho — digo, para mim mesma, franzindo o sobrolho, uma expressão que não costumo utilizar.

Depois, um sorriso — uma expressão muito mais familiar — toma-me conta do rosto. Junto as mãos, muito mais entusiasmada.

— Será que foi... nervosismo? — Arregalo os olhos. — Será que senti... *ansiedade*?!

A ideia faz-me gritar. Pareceu-me tão... humano!

— Parece que a minha vida... — começo, enquanto a *Misty* e a *Bonbon* se aproximam a voar, com uma chávena de chá entre as duas — talvez não seja assim tão perfeita.

Pisco um olho.



— *Ai!*

Os pássaros entrançam-me o cabelo loiro na sua habitual coroa imaculada e a pontada de dor de os ter a entrelaçar os fios com força afasta-me os pensamentos da expressão de surpresa que me preparava para aparentar amanhã, após ver revelado o meu Destino glorioso.

Se estiver demasiado indiferente... arrisco parecer ingrata.

Se estiver demasiado entusiasmada... arrisco parecer que me esforcei demasiado.

Demasiado chocada... arrisco parecer que não o mereço.



Mas sabem que mais? Esforcei-me, *sim*. Fiz trabalhos de casa extra. Li livros além das leituras obrigatórias. Fiz trabalhos para ganhar pontos extra. Depois, quis ganhar pontos extra dos *extra*. Terminei os projetos mais cedo. Às vezes, até inventava os meus próprios trabalhos, só por diversão.

Sim, posso não ser *muito* divertida. Mas a escola foi a minha prioridade; até acima de qualquer diversão.

Se — *quando* — receber um destino revolucionário... vou merecê-lo.

Levanto o queixo. Endireito os ombros.

Estou pronta para esta próxima fase da minha vida pela qual trabalhei tanto. Estou pronta para deixar para trás esta fase e desabrochar como alguém novo. Por falar em novidades...

— Acham que poderíamos experimentar algo diferente? — pergunto, com a voz educada, mesmo com o couro cabeludo a arder, olhando esperançosamente para a *Misty* e a *Bonbon*, pelo reflexo do espelho incrustado de pedras preciosas cor-de-rosa.

Ambas me ignoram. Solto um suspiro quase inaudível. Não devia ficar surpreendida. Os pássaros não falam. Mas ouvem... bem, apenas a diretora da Academia Swancrest, a Robin, a mulher que me deu um lar depois da morte da minha mãe, quando eu era apenas uma bebé.

Sem a Robin... quem sabe onde poderia estar? Decerto não num lugar como Swancrest. Não, seria uma órfã, sozinha no mundo e...

Encolho os ombros, com um arrepio.

Basta! Afasto o pensamento negativo como se fosse uma teia de aranha.

De qualquer forma, é pela Robin que sempre me esforcei tanto na escola. Ela é a razão pela qual a minha vida é um sonho. Agradar-lhe é o mínimo que posso fazer, em agradecimento por tudo o que me deu.



Por fim, a *Misty* e a *Bonbon* terminam a última trança, e volta para o quarto, passando de pisar o mármore gelado — com veias cor de morangos — para a madeira quente. A luz do sol cor de manteiga derrama-se pelas janelas emolduradas por cortinas. O painel do meio é de vitral e a manhã infiltra-se pelos pedaços cor-de-rosa, banhando o quarto numa luz do mesmo tom.

Como disse... um *sonho*.

Está na hora de me vestir.

Como se fosse uma deixa, o Guarda-roupa — o meu amado, gigantesco e muito encantado armário — arrasta-se do canto do quarto, com a madeira de mogno a ranger com o esforço. Para à minha frente, depois abre-se de par em par, revelando meia dúzia de compartimentos, com as gavetas a abrirem-se uma após a outra numa ondulação gloriosa.

Junto as mãos. Está na hora de descobrir que tom de rosa vou usar hoje.

Em Swancrest, não temos uniforme — podemos usar qualquer coisa, desde que tenha o emblema característico cosido: a forma de um cisne dentro de um círculo.

Mas eu uso *sempre*, exclusivamente e com muita devoção, cor-de-rosa, já que era a cor preferida da minha mãe.

A tonalidade de rosa que o Guarda-roupa oferece varia quase diariamente, correspondendo geralmente ao meu estado de espírito: magenta quando me sinto ousada, rosa-velho quando me sinto reflexiva, rosa-pastilha às terças-feiras, rosa-mimoso nos feriados, lavanda quando estou triste (ou seja, nunca).

A roupa sempre foi a minha armadura. A minha mãe criou todas as minhas roupas. Era o seu talento. E todas as manhãs, quando estou diante do Guarda-roupa a decidir como me apresentar ao mundo, quase consigo senti-la, a brilhar através dos tecidos acetinados e dos desenhos intrincados, envolvendo-me em amor.



O cor-de-rosa também é a cor preferida da Robin. Ela diz que é uma cor mágica e foi por isso que pintou grande parte de Swancrest com esse mesmo tom.

Ilumina o humor. Afasta as tempestades. Traz boa energia.

O que é bom, porque hoje... preciso disso. O exame final vai decidir quem será a oradora da turma deste ano. Sempre fui a melhor da turma. Esta última distinção será a prova definitiva para a Robin de que aproveitei cada uma das oportunidades que ela me deu.

Preciso de me sentir ainda mais forte. Ainda mais competente.

O Guarda-roupa sabe disso (afinal, é encantado).

É por isso que todas as minhas opções parecem ainda mais especiais do que o habitual.

Há um vestido composto por centenas de flores de cerejeira, uma saia e um top feitos de tecido rubi refletor, calças chiques, um casaco rosa-púrpura e — mesmo no final — um conjunto composto por um blazer e uma saia rosa-choque brilhante e cheia de purpurinas.

Estendo a mão, passando-a pelo tecido incrustado com o que parecem centenas de pedras preciosas. É este mesmo.

Agora...

Sapatos.

As portas fecham-se outra vez, depois abrem-se num instante, revelando fileiras e fileiras de opções.

Sapatos de salto alto, sandálias, *sandálias de salto alto*, botins, botas.

Inclino a cabeça enquanto o Guarda-roupa apresenta cada opção, as gavetas a rodarem e expandirem-se à medida que me mostram o seu conteúdo.

Franzo os lábios.

— As botas — digo, e num lampejo cor-de-rosa, cada uma das minhas escolhas é lançada ao ar e apanhada pela *Misty* e pela



Bonbon, que, num instante, passam a ferro e dão brilho às roupas até ficarem perfeitas, antes de eu as vestir.

Por fim, a *Bonbon* ajuda-me com o meu bem mais precioso. Um colar com a letra B, rodeado por três estrelas cadentes, que pertenceu à mãe.

O Guarda-roupa abre-se uma última vez para revelar um espelho de corpo inteiro.

Inspeciono-me da cabeça aos pés enquanto os pássaros observam com aprovação, cada fio de cabelo no lugar, cada centímetro de roupa liso e cor-de-rosa. Sorrio.

Cor-de-rosa e perfeita.

Tal como a minha vida.





CAPÍTULO 2

O DESTINO É DEFINITIVO

— Ficar a olhar para o teu pequeno-almoço não vai transformá-lo em sobremesa, Barbie.

Talvez não. *Mas isso não seria bom?* Pestanejo, percebendo que olho para a taça de cereais cor-de-rosa há mais do que alguns segundos, com a colher a flutuar a meio caminho entre a taça e a boca.

Ugh. Estava a pensar no sonho que tive esta manhã. A irritação percorre-me como um trovão que interrompe rudemente um dia de verão. A ansiedade, decidi, não é para mim. Vou bani-la da minha vida imediatamente.

Dou uma dentada generosa nos cereais e o sabor a morango anima-me de imediato.

Desde que me lembro, eu e a Robin começamos o dia juntas, tomando o pequeno-almoço no gabinete dela. Enquanto outros alunos da Swancrest só passam a viver no internato nos últimos anos do curso, para mim, a Swancrest sempre foi o meu lar; grande parte da minha vida decorreu entre os seus corredores sagrados — com o gabinete da Robin no centro de tudo, o que faz sentido, tendo em conta o tempo que ela passa aqui a trabalhar.



O facto de ela fazer as refeições na secretária pode ser sinal de que não tem nenhum equilíbrio entre a vida profissional e pessoal (será que isso sequer existe?) mas, para mim, é apenas mais uma razão pela qual faria qualquer coisa para não a desiludir.

Toda a sua vida é dedicada aos outros. A Robin foi abençoada pelas Parcas com o papel mais importante na Terra do Coração: como diretora, ela é responsável por garantir que todos os alunos de Swancrest estejam preparados para receber o seu destino no Dia dos Destinos. É um trabalho importante — o equilíbrio perfeito da nossa terra depende de todos serem treinados para o papel que as Parcas determinarem que lhes cabe desempenhar na nossa sociedade. Todos têm um propósito. É por isso que a Terra do Coração funciona tão bem.

A ética de trabalho da Robin sempre me inspirou. Costumava vir cá estudar, sentada na cadeira em forma de coração à frente dela, ambas a trabalhar arduamente num silêncio agradável.

Agora, ela olha para mim do outro lado da secretária, com uma sobrancelha arqueada. Apesar de usar cor-de-rosa como eu, o resto do seu gabinete é composto por diferentes tons de madeira, desde o cedro-claro até ao mogno rico dos móveis imponentes, interrompidos apenas pelo brilho que emana do cetro cor-de-rosa através do qual canaliza a sua magia.

A sua expressão suaviza-se.

— Um pequeno-almoço não se transforma em sobremesa...

— Ela esboça um quase-sorriso. — A menos que *eu* o decida, claro.

A luz do cetro encostado ao seu lado brilha com mais intensidade e, numa nuvem de purpurinas, a minha taça de cereais transforma-se na minha comida favorita — mini dónutes em forma de coração com cobertura cor-de-rosa.

— Estás a quebrar as tuas próprias regras? — pergunto, enquanto levo à boca uma das guloseimas em miniatura.



A Robin segue sempre as mesmas regras — as quais me ensinou.

Uma delas é que o pequeno-almoço deve ser nutritivo, para me dar a energia de que preciso para fazer o meu melhor durante o dia, e é por isso que os cereais vêm sempre acompanhados de uma taça de frutos silvestres e aveia, para me dar energia.

— Não que me esteja a queixar, claro — digo, falando com a boca cheia de açúcar em pó.

A Robin endireita os ombros, ajeitando a postura já de si ereta. O seu cabelo escuro está impecavelmente penteado para trás, num coque elegante.

— Bem, é o teu último dia de aulas. Amanhã é o Dia dos Destinos. O que é motivo suficiente para celebrar.

Com as suas palavras, a ansiedade que havia sido afastada volta a bater à porta.

Tento ignorá-la.

Trabalhei muito para isto. Recuso-me a deixar que um pesadelo estúpido me estrague a emoção. No entanto, a Robin não deixa escapar nada.

— Passa-se alguma coisa, Barbie?

— Não — respondo rapidamente, porque o sonho que tive obviamente *não é real*. E não quero que ela se preocupe *comigo*, quando já tem tanto para fazer antes do momento derradeiro de toda a jornada da nossa turma em Swancrest.

Ela parece não ficar convencida, por isso acrescento:

— É só que... por um momento, senti-me... preocupada. Com o meu destino.

Solto uma risada, para lhe mostrar que reconheço quão ridículo isso é.

A Robin limita-se a inclinar a cabeça na minha direção.

— Porque haverias de te... *preocupar*? — pergunta, como se a palavra fosse estranha à sua língua. E é.

As pessoas na Terra do Coração não se *preocupam*. Porque o haveríamos de fazer se não há nada com que nos preocuparmos? As Parcas dizem-nos como viver as nossas vidas, dão-nos as ferramentas para desempenharmos os nossos papéis e orientam-nos sobre a melhor forma de nos dedicarmos à Terra do Coração, para termos sempre tudo o que precisamos em abundância. A própria cidade é *perfeita*: rios rosa-claro correm entre casas em tons pastel e lojas empilhadas ao longo dos canais. Uma neblina cor-de-rosa e mágica — criada pela Robin e o seu cetro brilhante — envolve as margens da nossa terra em forma de coração e mantém-nos a salvo de todos os perigos do exterior, aqueles dos quais a minha própria mãe morreu a defender-nos.

Aqui, estamos protegidos. Não há nada a temer. Nada com que nos preocuparmos. Desde que continuemos no lugar.

Essa é a única regra pela qual todos vivemos: ninguém sai da Terra do Coração. Mas por que razão iria alguém querer sair deste paraíso?

Abano a cabeça.

— Desculpa, não devia ter dito nada...

— Não peças desculpa — diz a Robin, com uma voz paciente, embora um pouco seca. — Não há motivo para te preocupares, Barbie, pois o futuro já foi decidido. O teu será o que tiver de ser. As Parcas não cometem erros; lembra-te disso.

— Certo. — digo, com a voz animada.

Acredito nisso.

É claro que acredito.

Ela estende a mão por cima da secretária para agarrar na minha.

— Sabes... a tua mãe ficaria tão orgulhosa de ti — diz ela, e os meus olhos ficam imediatamente marejados.

Desvio o olhar. A Robin aperta-me a mão com mais força.



— A sério que sim. Trabalhas tanto. Estás sempre a estudar. Tens as melhores notas. És uma ótima amiga. Ajudas todas as pessoas à tua volta. Ela ficaria tão, *tão* orgulhosa.

Ela solta-me, afasta-se da secretária e alisa a saia do seu fato cor-de-rosa, perfeitamente passado a ferro.

— Mas, Barbie... — Encontro o seu olhar, agora impassível e sério. — Não questiones o destino. Isso só o tentará a mudar. — A Robin bate palmas, animando-se. — Agora, vai para o teu exame final. Não queiras chegar atrasada.



As minhas botas de salto alto ecoam contra a pedra do castelo, em sincronia com o passo da Callie, a minha melhor amiga. O Sunny está do meu outro lado, com o livro aberto à sua frente, enquanto lê em voz alta as páginas sobre as quais vamos ser avaliados no exame final do nosso tempo em Swancrest.

Fitas em tom de lavanda foram atadas em fileiras de laços que pendem dos cacifos, para celebrar o nosso último dia. Balões em forma de coração estão colados aos tetos, rebentando e lançando confetes ao ritmo dos nossos passos.

— Por que razão precisamos de fazer este exame se as Parcas já sabem quais os papéis que vamos desempenhar? — resmunga o Sunny, fechando o livro com um estrondo.

Os olhos castanhos da Callie percorrem o corredor, como se as Parcas pudessem estar empoleiradas no teto, a observar-nos. A sua voz é baixa.

— Elas ainda podem... estar a decidir...

O Sunny ergue uma sobrancelha.

— Estás a dizer que as Parcas são indecisas?

Ela arregala os olhos.

— Não, nunca! Elas são apenas provavelmente... flexíveis. Não queiras irritá-las e ser... castigado.



O Sunny fica boquiaberto.

— E agora estás a chamá-las de *cruéis*?

A Callie parece prestes a desmaiar.

Reviro os olhos.

— Deixa-a em paz — digo, passando um braço à volta da minha amiga. — Sabes que ela está nervosa.

O Sunny limita-se a sorrir maliciosamente.

— Devíamos estar todos, segundo o que a Callie diz. *Castigados?*

Ele estala a língua.

Lanço-lhe um olhar.

— Bem, se alguém *deve* ser castigado, és tu.

O Sunny apenas sorri ainda mais, concordando comigo.

Fico com um calafrio. Sei exatamente o que aquele sorriso significa.

O Sunny sempre gostou de desmontar as coisas, para ver como tudo funciona. E voltar a montá-las.

Contudo, às vezes... não as monta de volta exatamente como estavam. De propósito.

Por exemplo, há quatro anos, o Sunny transformou a secretária do professor numa máquina de refrigerantes que atirava latas sempre que alguém acertava numa resposta, e todas elas reben-tavam. Foi preciso implorar muito à Robin para que ele não fosse expulso.

Será que isso o parou?

O Sunny baixa a voz, com um ar cúmplice.

— Nem sabem o que está prestes a acontecer à Paige...

A resposta é: não. Sem dúvida.

Suspiro.

— A sério? É o *último dia de aulas*.

A Paige é a colega de quarto da Callie e está longe de ser a minha pessoa favorita em Swancrest. Quando éramos crianças,



devo ter entrado de alguma forma numa competição unilateral com ela, porque sempre me tratou como concorrência. Ela sentia um prazer especial em ser escolhida como líder de fila ou ajudante do professor e, mais tarde, em esfregar-me na cara sempre que tirava notas mais altas nos testes ou projetos. Pensei que talvez se tornasse mais simpática depois de ela e a Callie serem colegas de dormitório, mas, tal como sempre, a Paige manteve-se teimosamente dedicada à sua missão de ganhar esta «competição» imaginária, tratando-me friamente na melhor das hipóteses, e maldosa na pior.

Conclusão: ela é uma chata.

Mas até a Paige merece desfrutar do último dia em Swancrest sem ser afetada pelas supostas partidas do Sunny.

O Sunny parece indiferente.

— Quem se importa que seja o último dia? E sabes que mais? Espero que as Parcas *estejam* a ver. — Ele encolhe os ombros. — Porque assim vão saber como sou fixe.

Algo explode, a poucos metros de distância.

— *SUNNY!!!!*

A voz estridente da Paige ecoa pelo corredor.

O Sunny franze os lábios.

— Isso não devia ter acontecido... Devo ter-me esquecido de um ou dois parafusos...

O professor entra no corredor, de braços cruzados sobre o colete de malha xadrez, lançando-nos um olhar fulminante.

O Sunny acena com a cabeça.

— Sim. Já sei. Vou já para o gabinete da Robin.

Ele vira-se.

— É *diretora* Robin! — grita o professor nas suas costas.

O Sunny apenas olha por cima do ombro.

— Não... Agora tratamo-nos pelo primeiro nome. Acho que aconteceu depois da... décima quinta visita?



O professor limita-se a suspirar. O Sunny pisca-nos o olho, depois vira a esquina, assobiando.

— Ele vai receber o pior destino... — diz a Callie.

Ela está a brincar, mas estremeço, com a mente a voltar àquele pesadelo e a todos aqueles destinos que considero os piores.

— Barbie? — diz a Callie, enquanto continuamos pelo corredor. — Posso perguntar-te uma coisa?

— Claro.

Ela engole em seco.

— Sabes que confio nas Parcas mais do que em qualquer outra pessoa, certo?

— Claro que sim.

A voz dela fica tão baixa que mal consigo ouvi-la.

— Bem, contudo... Tenho andado a pensar... há muitas coisas em que sou boa, mas que não quero fazer todos os dias para o resto da minha vida.

— Eu também...

Sei o que ela quer dizer.

Embora a *Misty* e a *Bonbon* raramente me deixem arranjar o meu próprio cabelo, consigo fazer um rabo de cavalo que parece desafiar a gravidade; isso não significa que queira fazer rabos de cavalo *profissionalmente*.

Ela morde o lábio.

— E se as Parcas não souberem disso? Ou se *souberem*, mas não tiverem em conta os meus desejos?

Faço uma pausa, refletindo sobre as suas palavras. Decerto não quero desempenhar nenhum dos papéis do meu pesadelo.

Mas o medo de que isso aconteça agora já desapareceu. Quando falo, a minha voz é firme.

— As Parcas não cometem erros. Sabem exatamente qual o papel que nos está destinado, quer gostemos, quer não. Elas sabem o que é melhor.



— Sim, é claro. — A voz dela torna-se num sussurro mais suave. — Mas e se as Parcas... nem *sempre* souberem o que é melhor para nós?

Tudo fica em silêncio. Um bando de tordos que passava por nós no corredor para no ar. Os alunos ainda nos corredores interrompem o que faziam, viram-se na nossa direção e ficam a olhar. Não estamos no exterior, mas tenho quase a certeza de que as nuvens também pararam. Até eu olho para a Callie, de boca aberta.

Pego na sua mão e arrasto-a para uma sala de aula vazia, ao lado daquela em que estávamos prestes a entrar.

O rosto dela está vermelho. Está a tremer. Ela é sempre tão calada e calma, mas agora parece uma chaleira a chiar, uma que por fim atingiu o ponto de ebulição. As palavras saem-lhe da boca num sussurro apressado.

— E se não souberem que odeio Química, apesar de ter ganhado aquele projeto? E se tiver de passar o resto da minha vida num *laboratório*?

— Bem, eu...

— E se tiverem visto aquele A em Educação Física como um sinal de que sou boa em atividade física quando, na verdade, só corri tão depressa porque fui perseguida por uma abelha?

Essa abelha ameaçadora é a razão pela qual consegui faltar a todas as aulas de Educação Física, devido à minha alergia (obrigada, abelha).

Ela empalidece de pânico.

— Devia só ter deixado que ela me picasse!

— Callie... estás bem? — Pouso a mão na sua testa. — Queres ir à enfermeira?

Como se fosse combinado, a Enfermeira aparece à janela da sala de aula, porque o seu trabalho inclui uma ambulância-helicóptero e a capacidade de perceber que é necessária antes mesmo de ser chamada para ajudar.



— Não, não.

Ela abana a cabeça, mostrando o polegar à Enfermeira, que acena com a cabeça e voa para longe.

— Ouve — digo, mantendo a voz baixa. Agarro-lhe as mãos.

— Não estás sozinha nesta... *confusão*.

Estremeço com a palavra. Consegui acalmar os nervos, mas a Callie é a minha melhor amiga. Não quero que ela pense que é a única a sentir nervosismo antes do Dia dos Destinos.

— Esta manhã, sonhei que recebia um monte de Destinos horríveis.

Ela arregala os olhos.

— A sério?!

Aceno solenemente com a cabeça.

Ela franze o sobrolho.

— E já não estás... preocupada?

— Não! — exclamo. — Tudo acaba *sempre* por se resolver. Trabalhas arduamente... e és recompensada. — Encolho os ombros. — A vida é sempre justa.

A Callie pressiona as palmas das mãos contra os olhos.

— Tens razão. Não sei porque estou preocupada...

Agarro-a pelos ombros.

— Temos assistido a todas as cerimónias do Dia dos Destinos desde que éramos crianças e todos conseguem o que lhes estava destinado. Sempre fez todo o sentido. Certo?

Ela acena com a cabeça, com as mãos ainda sobre os olhos.

— Até o Sunny vai receber um Destino indicado para ele, Callie — continuo, a rir. — Quer o mereça, quer não.

— Também tens razão nisso — murmura ela.

Por fim, ela baixa as mãos. Espero que o seu rosto se acalme, mas continua com um ar preocupado.

— Mas não gostarias... alguma vez desejaste ter uma escolha?

Um suspiro rasga o silêncio da sala.



Não vem de mim. Não, vem de cerca de uma dúzia de outras vozes, suspirando em sincronia.

Pestanejamos, olhando uma para a outra, depois viramo-nos e vemos que há uma abertura enorme na parede, uma em que não havíamos reparado e que deve ter sido resultado da pequena experiência do Sunny.

A turma toda está ali parada, a ouvir descaradamente a conversa.

— Ouviram o quê? — pergunto.

— Tudo — responde toda a turma em uníssono, incluindo o professor.

Fico boquiaberta a olhar para ele, e o professor limita-se a encolher os ombros.

— As fofocas são o tempero da vida.

A Paige está, é claro, à frente do grupo, de braços cruzados. Lança-nos um olhar fulminante. Especialmente a mim, apesar de mal ter dito uma palavra.

— A tua falta de fé nas Parcas é *preocupante*, Barbie — diz ela, apesar de eu ter defendido o contrário. Ela vira-se para o professor. — Vai baixar-lhe a média?

— Não.

— Pelo menos um ponto?

— Não.

— Ela não pode ser a melhor da turma e entreter-se com este tipo de...

— Não.

A Paige anima-se.

— Está bem. Nesse caso, ela foi despromovida e eu...

— *Não* — diz a turma em uníssono, cansada.

— Pronto. Acabou a hora das fofocas — diz o professor, estalando os dedos, mandando-nos a todos para os lugares. Eu e a Callie caminhamos por entre os escombros *do buraco na parede*, em direção às secretárias.

— É só o nervosismo do Dia dos Destinos — sussurro à Callie do outro lado da fila, enquanto o resto da turma tira os cadernos para o exame final. — Diz-me se ainda te sentires assim daqui a algumas horas. Podemos conversar mais. Está bem?

— Sim, está bem — responde ela.

Mas não me parece que ela volte a tocar no assunto. Quero dizer mais alguma coisa, fazê-la sentir-se melhor, mas não sei como. Antes de poder continuar a tentar, o professor pousa o exame final na minha secretária e a conversa esmorece perante a tarefa que tenho à frente.

Porque se há uma coisa que sei fazer, é arrasar num exame.



Exatamente uma hora depois, o sino toca pela última vez, um som tão familiar para mim como os chilreios animados da *Misty* e da *Bonbon* todas as manhãs.

Nunca mais irei voltar a ouvir aquele som, penso, com melancolia, ao entregar o exame final ao professor.

Mais ninguém parece abalado com isso, pois ouço uma explosão de comemoração vinda do corredor. Saio da sala e vejo confetes feitos de papéis de trabalhos antigos a serem atirados por todo o lado, e alguns dos pássaros da Robin a chilrearem furiosamente com a confusão.

— Estou tão contente por a escola ter acabado, para que a minha vida *real* possa começar — diz a Paige, sorrindo-me maliciosamente enquanto me encosto aos cacifos mais próximos da Callie. — Afinal, quem se importa com a escola?

Reviro os olhos ao ouvir o comentário da Paige — se há alguém que se preocupou tanto com a escola como eu ao longo destes anos, é ela —, mas as suas palavras penetram-me no peito, arrastando-se como garras.

Sou boa na escola. *Gosto* da escola.



A escola tem ordem. Rotina. É... previsível, instruída e controlada. Além de ser uma aluna, quem sou eu?

Penso no Sunny, a trabalhar durante horas a fio na sua garagem, ou na Callie completamente absorta num livro, com pura alegria a percorrer-lhe o rosto enquanto se perde em mundos ficcionais. Não tenho passatempos. Não tenho paixões. Costumava pintar quando era pequena, mas não pego num pincel há anos. Nem sei bem quais são os meus interesses, além de ter boas notas na escola. Penso na última pergunta que a Callie me fez antes do exame final.

Não, *não gostava* de ter uma escolha.

Porque não sei o que quero; não sei quem sou... E não preciso de saber.

As Parcas vão dizer-me.

O chilrear dos pássaros tira-me dos meus pensamentos, e olho para cima apenas para ver um laço de fita rosa. Os pássaros deixam-no cair, pousando-o no meu peito.

Olho para baixo.

«N.º 1», diz a faixa. Uma chuva de purpurinas irrompe quando todos os balões em forma de coração rebentam ao mesmo tempo, com confetes a chover, desaparecendo assim que os pedacinhos de papel me tocam na pele.

Melhor aluna.

Agora é oficial.

— Parabéns, Barbie — diz o professor, à entrada da sala de aula, com um sorriso a marcar-lhe os cantos dos olhos. Um dos acessórios do professor é uma caneta que corrige notas à velocidade da luz. — Mereceste-o.

— Mereceu, sim! — diz a Callie, abraçando-me, sem qualquer sinal da angústia anterior.

Abro a boca, para falar com ela... depois fecho-a. Porquê revistar aquela situação desagradável, quando ela parece feliz?



Ao contrário da Paige, que visivelmente fervilha de raiva e resmunga antes de sair a passos largos pelo corredor.

O Sunny está à espera mais adiante no corredor, encostado a uma parede de cacifos cor-de-rosa e brilhantes, encantados para se abrirem apenas para os seus donos.

— Fixe! — diz ele, quando vê a faixa, enquanto saímos do edifício.

A felicidade e a calma tomam conta de mim. Consegui. *Por fim*, consegui. A Callie passa o braço pelo meu, radiante. A sua excitação é contagiante, duplicando a minha. Deixo-a espalhar-se por mim, como um refrigerante.

O meu trabalho está feito. Fiz o melhor que pude.

O meu destino está agora nas mãos das Parcas.





CAPÍTULO 3

DIA DOS DESTINOS

O pátio da Academia Swancrest está repleto de música e magia.

Sou a única ainda aqui dentro. Há algo que preciso de fazer primeiro. Estou diante da estátua da minha mãe. A escultura mostra-a com a roupa com que morreu a lutar — a armadura cintilante que ela própria desenhou, brilhando em toda a sua ilustre glória cor-de-rosa.

Sim, ela era uma guerreira e um ícone da moda. Era multifacetada.

— O que achas? — pergunto, rodopiando e mostrando-lhe a minha roupa.

No dia mais importante da minha vida, uso um vestido magenta brilhante de manga comprida, com sapatos de salto alto igualmente cintilantes. Tenho a faixa com o «Nº 1» sobre mim. O cabelo está preso com ganchos em forma de cisnes. Um presente da Robin.

Claro que não há nenhuma resposta da estátua. Mas não preciso de uma.

— Sabes, no outro dia tive um pesadelo ridículo — digo, revirando os olhos. — Que hoje *não* seria o melhor dia da minha



vida. Mas foi uma estupidez. — Sorrio radiante. — Ontem à noite, sonhei que recebia *três* Destinos. Acho que isso equilibra tudo. Será que três são demasiados? Talvez só receba dois...

Silêncio.

Franzo o sobrolho.

— Será ganância? Ou fará de mim demasiado... confiante?

Mordo o lábio, pensativa, antes de parar rapidamente, para não sujar os dentes com o batom cor de cereja.

— Bem... se o merecer, certo? As Parcas não cometem erros... não me darão nada que eu não consiga aguentar...

Suspiro, estendendo a mão para a sua, feita de pedra. A rocha ficou lisa com o passar dos anos nos pontos onde os meus dedos a roçaram mais vezes do que consigo contar, os mesmos pontos que toco desde criança.

— Amo-te, mãe. Mal posso esperar para te mostrar o que consegui alcançar.

Depois, vou em direção ao meu destino.



A magia da Robin transformou a fachada da escola numa ode à celebração.

Hastes de hortelã-pimenta cor-de-rosa estendem-se pelas torres; torres de donuts polvilhados inclinam-se em todas as direções; uma orquestra toca sozinha, com mãos invisíveis a deslizar os arcos sobre cordas cintilantes.

Observo a multidão que se reuniu para testemunhar a nossa turma a receber os seus Destinos: toda a Terra do Coração está aqui presente, dividida numa variedade de papéis e grupos, à espera de receber os seus novos membros de braços abertos.

Em breve, irei pertencer a um desses grupos.

Não, penso eu, endireitando-me. Irei pertencer a um novo grupo, só meu.



Uma camada espessa de purpurinas cor-de-rosa cobre tudo ao meu redor e passo o dedo por uma das mesas espalhadas pelo pátio, vendo-a reabastecer-se magicamente.

A Robin esmerou-se, como sempre.

Como se tivesse sido chamada pelos meus próprios pensamentos, ela surge de repente, na plataforma elevada diante da multidão, num clarão de brilho chuvoso. Veste um blazer e calças cujos tons de rosa mudam a cada movimento. O cetro, sempre presente, emana uma auréola de brilho cor-de-rosa.

A multidão barulhenta e agitada fica em silêncio ao ver a nossa Diretora tão majestosa. Acontece sempre que estamos na sua presença. Todos agradecemos por ela não guardar a magia só para si...

— Está na hora — começa a Robin, conseguindo magicamente alcançar com a voz os recantos mais distantes do pátio —, de as Parcas revelarem o que têm planeado para os nossos mais recentes formandos da Academia Swancrest.

Ela aponta para trás de si, para um conjunto de salas e janelas interditas, exceto no Dia dos Destinos. Três andares, com três salas por piso, cada uma com uma grande janela retangular vertical virada para o pátio.

É onde as Parcas revelam os seus desejos e onde os alunos finalistas mostram à multidão que os espera os destinos que lhes foram eleitos.

— Agradecemos às Parcas pela sua sabedoria e pela sua crença em tudo o que podemos ser. Agradecemos-lhes por verem em nós pontos fortes que talvez não consigamos ver em nós próprios e por eliminarem qualquer dúvida ou escolha, para que a nossa sociedade possa funcionar ao mais alto nível possível.

Uma ovação irrompe pela multidão.

A Robin acena imperiosamente com a cabeça.

— Turma deste ano, por favor, reúnam-se.



Assim fazemos.

Os meus colegas de turma abraçam os pais e formamos uma fila em frente à escadaria em espiral que conduz às salas de cada piso. Vejo a Callie a ser abraçada pelos pais, antes de se apressar em direção às escadas, lançando-me um sorriso nervoso ao juntar-se à fila sinuosa dos nossos colegas de Swancrest. Espero que já não esteja preocupada. Não precisa.

Vejo o Sunny mais adiante na fila e até o seu habitual sorriso malicioso dá lugar a um ar de solenidade que acho que nunca lhe tinha visto. Será que ele também está nervoso? Ou será que, por fim, leva alguma coisa nesta escola a sério?

Espero até que todos estejam alinhados diante da torre, depois junto-me ao fim da fila, como é costume para a oradora da turma. Estarei no último grupo de nove alunos a aproximar-se das portas e serei a última aluna a abrir a sua. Sou o grande final.

Sussurros ecoam entre os cidadãos da Terra do Coração enquanto me observam a ocupar o meu lugar. Sorrio, ajeitando a faixa, e recebendo os seus «Parabéns!». Tento não dar ouvidos às várias suposições sobre qual Destino irei receber — *advogada, arquiteta, um novo nunca visto?* (Sim!)

Em vez de nervosismo, sinto pura excitação a agitar-me o estômago. Trabalhei tanto para isto. *Mereço-o.*

À medida que a fila avança lentamente pela escadaria, sou mergulhada na relativa escuridão da torre. Mal consigo ver os meus colegas — a única luz provém de pontos cor-de-rosa, como estrelas despedaçadas que flutuam na escadaria —, mas consigo ouvi-los. Estão a sussurrar os seus palpites sobre o que irão receber.

Então... acontece.

A primeira onda de aplausos espalha-se pela multidão. O primeiro conjunto de Destinos foi revelado.

Parecem felizes.



Pergunto-me que papéis terão suscitado tal celebração. À medida que as vozes dos meus colegas ressoam à minha volta, começo a pensar nos meus próprios palpites.

Que Destino faria a Robin orgulhar-se de mim?

O que *me* faria orgulhar-me de mim?

O que é que *quero*?

Não. Abano a cabeça, com os ganchos a cravarem-se no couro cabeludo. Não me cabe a mim responder. Em breve dir-me-ão o que quero.

Outra onda de aplausos.

A fila volta a avançar.

Nesta escadaria, o tempo parece passar de forma diferente. Mais devagar e mais depressa, tudo ao mesmo tempo. O meu coração acelera de ansiedade. Pareço esquecer-me de como respirar. Sinto as pernas a tremerem de suspense. O rosto dorido de tanto sorrir.

Isto é tudo aquilo pelo qual trabalhei tão arduamente. Aqueles sonhos estão prestes a não ser nada comparados com a minha vida futura, assim que descobrir o Destino — *Destinos?* — que estou fadada a reivindicar.

Tudo está prestes a encaixar-se no lugar certo. A multidão explode numa nova torrente de celebração. Os minutos arrastam-se, cada degrau a aproximar-me do meu destino.

Até que, por fim... passamos pelos outros patamares e chegamos aos três quartos do último andar. Sinto que estou prestes a explodir de emoção.

De repente, sinto uma palmada no ombro.

Viro-me e vejo a Callie, radiante.

— Barbie, tinhas razão! Não havia nada com que me preocupar! — diz ela.

Sinto um alívio a inundar-me ao ouvir a alegria evidente na sua voz. Ela ergue um livro e uns óculos.



— Olha! Acessórios! — exclama a Callie. — Sou uma bibliotecária!

Vários pássaros esvoaçam atrás dela, chilreando em aprovação.

Perfeito. Isso é perfeito. A Callie adora ler e a sua boa memória será perfeita para organizar livros. Ela é prestável. Gentil. E, acima de tudo, parece entusiasmada.

— Estou tão feliz por ti! — Olho mais de perto para os acessórios que ela tem nas mãos. — Mas tu nem usas óculos — observo.

O sorriso dela fica ainda mais largo.

— Eu sei, não é fantástico?!

Aceno com a cabeça enfaticamente. Os acessórios são *sempre* fantásticos.

— Espera, Callie. Diz-me... como é? — pergunto, desesperada por saber.

A Callie sorri radiante.

— Entras pela porta cor-de-rosa na sala. Assim que entras, começa a chover purpurinas à tua volta como a mais gloriosa tempestade e quando atravessas a chuva, as paredes e tudo o que está na sala revela o teu Destino! Está tudo pintado ali mesmo, como a tua própria história. Todos os acessórios de que precisas estão pendurados nas paredes. Depois, já sabes o resto. A janela fica ao fundo da sala e vais mostrar a todas as pessoas o que conseguiste, enquanto fazes uma pose.

Os pássaros começam a grasnar. A Callie suspira.

— Tenho de voltar para a minha família. Tive de dar açúcar a estes bichinhos para os distrair e poder vir ter contigo.

Os pássaros multiplicaram-se como por magia e agora pairam à nossa volta. A Robin está basicamente a dizer-nos para darmos por terminada a conversa.

Ela aperta-me a mão.

— Só queria agradecer-te. Encontra o teu Destino. Estarei a torcer por ti!



Ótimo. Aperto-lhe a mão de volta e ela vira-se, descendo a escadaria. Agora é a minha vez. Endireito os ombros e levanto o queixo.

Estou pronta para saber o que o destino me reserva.



A *Misty* e a *Bonbon* surgem do bando e conduzem-me até à porta no meio da fila. Dirijo-lhes um sorriso de agradecimento: ajudaram a preparar-me para cada dia em que dei o meu melhor. Terei de lhes agradecer devidamente, depois de tudo isto acabar. Deixam-me com chilreios que quase soam a *boa sorte*.

Não preciso de sorte. Trabalhei arduamente.

Esta porta cor-de-rosa é o início do resto da minha vida. Um raio de luz fraco é visível na parte inferior, como se a minha nova vida lá dentro se derramasse para vir ao meu encontro.

Respiro fundo mais uma vez e endireito-me. Estou pronta.

Lanço um sorriso encorajador aos alunos à minha esquerda e direita, enquanto alcançam as maçanetas das suas portas. Espero, conforme as instruções, já que é suposto ser a última.

Momentos depois, aplausos irrompem das salas de ambos os lados. Os outros dois alunos descobriram os seus Destinos e, pelo que parece, conseguiram exatamente o que queriam. O meu peito enche-se de uma emoção antecipada, pronta para ver por fim o meu.

Os pássaros grasnam atrás de mim. Está na hora.

Hora de fazer história.

Hora de ser recompensada por todo o meu esforço.

Hora de abraçar o meu destino.

Abro a porta e começa a chover purpurinas de algum lugar acima de mim, tal como a Callie disse.

Não paro nem por um momento. Continuo a caminhar, transbordando de entusiasmo, avançando através da ligeira



resistência da magia, antes de algo estalar e ceder, como um selo a ser quebrado.

Tão rapidamente quanto o brilho começou, para de repente, revelando um retângulo de luz ao fundo da sala, emoldurando a janela vertical para o exterior, onde todos estão à espera.

E nada mais.

Pestanejo.

A sala está vazia. Os fios de metal entrelaçados que deviam conter os acessórios estão vazios, como se tivessem sido roubados.

As paredes que deviam mostrar imagens do meu destino estão brancas como a cal, sem pintura. Franzo o sobrolho.

Deve... deve haver um erro.

Dou um passo para trás, depois para a frente, como se me tivesse escapado alguma coisa. Mas não há outro selo. Todo o brilho está no chão, espalhado pela madeira clara.

Bufo, à espera de que alguém resolva esta avaria. Espero...

Mas nada acontece. Ninguém entra a correr. A multidão está mesmo do outro lado do vidro, imóvel e num silêncio expectante.

É óbvio que algo está errado. Não era bem assim que queria revelar-me, mas corro até à janela, seguindo os passos que ensaiei na minha cabeça mil vezes.

Quando por fim chego à frente da sala, a multidão irrompe em arquejos, ao ver-me de mãos vazias.

— Houve... houve um engano — explico.

Porque essa é a única resposta possível. A magia amplifica-me a voz para que, mesmo através da janela, todos possam ouvir.

Olho para o público, procurando desesperadamente a Robin, e encontro a Callie. Tem os olhos arregalados de espanto. Sorrio-lhe, tentando tranquilizá-la. *Não te preocupes.*

A Robin vai resolver esta confusão. Observo o palco em baixo. Vejo a minha guardiã ainda de pé no palco, com o cetro mágico



na mão, e sinto um alívio percorrer-me a espinha. Ela saberá o que fazer. Vai recolocar o selo, volto a repetir e tudo ficará bem.

Mas o cetro da Robin ficou escuro. Quando cruzamos olhares, vejo os seus olhos — pela primeira vez desde que me lembro — cheios de surpresa, consternação... e confusão.

Ela não se mexe nem um centímetro.

Não corrige isto.

— Não. Há... é um *erro* — repito.

A multidão limita-se a olhar para mim.

— HOUVE UM ERRO! — grito, e a multidão recua.

Engulo em seco.

Estão a olhar para mim...

Estão a olhar para mim como se tivessem medo. É a última reação que esperava receber.

O meu coração bate irregularmente no peito, uma fera a tentar escapar da jaula. Os meus ouvidos zumbem.

Alguém tem de fazer alguma coisa!

Por fim, a Robin bate palmas e, quando fala, a sua voz é firme e segura, contrariando a surpresa estampada no rosto.

— Está concluída a cerimónia do Dia dos Destinos. Por favor, dirijam-se ao pátio frontal para mais celebrações...

O quê? *Não!*

Isto não pode... não pode ter acabado. Ainda não recebi o meu Destino!

A multidão começa a dispersar-se. Mas não sem antes uma voz ressoar, nítida através do vidro, e dizer:

— As Parcas não cometem erros. O destino é definitivo.

Paige. Ela está ao lado dos Advogados, com os braços cheios de uma pasta de couro, papelada, uma pena e uma caneca de café. Ela olha para mim, com ar presunçoso, como se tivesse sido revelada uma verdade que ela sempre soube. Uma verdade que, por fim, é ouvida.



Ela é ouvida.

Um murmúrio espalha-se pela multidão à medida que as pessoas começam a repetir as suas palavras. Torna-se um canto interminável que ecoa pelo pátio, pela minha mente, pelos meus ossos, até que, por fim, a Robin consegue levá-los para longe.

Não.

Isto não pode... isto não pode ser o fim.

Deixo-me cair no chão, com os pés a cederem por fim e os saltos a escorregarem. Os ganchos do cabelo caem no chão, como se nem eles quisessem ter nada que ver comigo.

Isto... não pode ser real.

Mas também não é um sonho.

Estão todos a ir embora.

O Dia dos Destinos acabou.

As Parcas não cometem erros.

Este é o verdadeiro pesadelo. Não me ter sido atribuído um destino que eu não quisesse...

Não me ter sido atribuído nenhum.





FORA DA ZONA
DE CONFORTO.

RUMO AO INESPERADO.

A vida da Barbie é perfeita. Ela está prestes a graduar-se e a saber o seu Destino. Mas **o impensável acontece**: a Barbie torna-se na primeira pessoa em toda a história a ficar sem um Destino e o seu mundo desmorona-se.

Quando um colar misterioso começa a pulsar com **um poder oculto**, a Barbie vai descobrir forças que nem ela sabia possuir.

Design capa: Jen Keenan
Ilustração capa: Charlie Bowater
© 2026 Mattel.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[@secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.tiktok.com/@seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-596-165-8



9 789895 961658